

**O ACERVO DIGITALIZADO DA *REVISTA DO RÁDIO* NA
HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL:
REFLEXÕES E USOS DA HISTÓRIA DIGITAL NO TEMPO
PRESENTE**

***THE DIGITALIZED COLLECTION OF REVISTA DO RADIO IN THE
DIGITAL NEWSPAPER LIBRARY OF THE NATIONAL LIBRARY:
REFLEXIONS AND USES OF DIGITAL HISTORY IN THE
PRESENT TIMES***

Carlos Gregório dos Santos Gianelli *

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre as possibilidades que o acesso a acervos digitais pode trazer para a pesquisa histórica. O exemplo escolhido para ancorar essas reflexões é o acervo digitalizado da *Revista do Rádio* pertencente à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Para alcançar o objetivo proposto, é feita uma breve discussão teórica a respeito da relação entre historiadores e documentos, a utilização de periódicos, em especial as revistas, para o desenvolvimento de pesquisas históricas e o levantamento de questões sobre História Digital e seu uso nos estudos de Tempo Presente.

PALAVRAS-CHAVE: História do Tempo Presente; História Digital; *Revista do Rádio*.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the possibilities that the access of digital collections can bring to historical research. The chosen example to anchor these reflections is the digitalized collection of *Revista do Rádio* owned by Digital Newspaper Library of the National Library. To achieve the purpose, it is made a brief reflection about the relationship among historians and documents, the use of periodicals, especially magazines, for the development of historical research and the raising of questions about Digital History and its use in the studies of Present Time.

KEYWORDS: Present Time History; Digital History; *Revista do Rádio*.

* Doutorando em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (campus Florianópolis) Endereço: UDESC – Avenida Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi, Florianópolis – SC, 88035-001. E-mail: gianelli.87@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A relação do historiador com o acesso a fontes sempre foi uma das questões mais pertinentes do seu ofício. Os documentos, por mais variados que sejam, sempre serão o alicerce de quem se propõe a investigar qualquer temática voltada aos estudos históricos. Assim sendo, pretendemos, neste artigo, refletir sobre a natureza dos arquivos digitais para o desenvolvimento de pesquisas históricas tendo como foco específico o acervo da *Revista do Rádio* contido na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Antes de falar sobre o acervo propriamente dito, estabeleceremos reflexões a respeito da noção de documento para os historiadores, em observação às características de quando se utiliza de periódicos para a pesquisa; ao papel da revista na constituição da teia cultural de alguma sociedade ou período; e, por fim, à questão dos meios digitais para a pesquisa histórica, sendo que todas essas reflexões têm como eixo norteador comum os preceitos da História do Tempo Presente.

O conceito básico do que seria um “documento” tem sua própria história. Desde os testemunhos orais tomados por Tucídides, passando pela verdade quase inabalável dos documentos oficiais do historicismo alemão do século XIX, com Langlois e Seignobos, até os vestígios considerados pela antropologia histórica de Marc Bloch, essa noção primária do que vem a ser um “ documento” vem sofrendo alterações.

Mas, qual seria a importância do documento para o historiador? Karnal e Tatsch (2009), em capítulo intitulado *A memória evanescente*, presente no livro *O Historiador e suas fontes* – no qual os autores buscam refletir sobre quais questões seriam mais pertinentes na relação entre documento e história – lançam a ideia de que a discussão sobre que faz um documento ser histórico surge na escolha de qual memória deve ser preservada pela História e, ainda, qual a amplitude que a pesquisa histórica pretende atingir (KARNAL; TATSCH, 2009). Ou seja, eleger o que deve ser analisado não é apenas parte do objeto em si, mas constitui elemento de refinação do que deve ser lembrado e também do que pode ser esquecido.

Além disso, a escolha do que pode ser analisado para o desenvolvimento de uma narrativa histórica mostra, como asseveraram os autores já citados, a amplitude, ou seja, o alcance de determinada pesquisa. Certos documentos podem acessar memórias afetivas ou elementos de constituição de um imaginário social, que outros, por exemplo, não poderiam. É nesse sentido em que afirmam a alteração de amplitude que determinado documento pode levar uma pesquisa. Outro ponto levantado pelos autores,

muito caro no que diz respeito à História do Tempo Presente, é o fato de que o “documento não é um documento em si, mas um diálogo claro entre o presente e documento. Resgatar o passado é transformá-lo pela simples evocação. [...] Todo documento é uma construção permanente” (KARNAL; TATSCH, 2009, p. 12). Essa construção faz parte da perspectiva do historiador que se propõe a escrever uma História do Tempo Presente ao passo que, para ele, “não se trata, portanto, de discutir o valor real dos fatos da história, mas sua percepção e as condições históricas nas e pelas quais são percebidos” (CHAUVEAU; TÉTART, 1999, p. 33). Para atingir esse objetivo, a questão documental, em muitos casos, tende a ser fator central de percepção e significação social de determinado fato ou processo histórico inserido em algum tempo e sociedade.

Sobre o tema central deste artigo, que trata do uso de uma plataforma digital para o acesso a documentos históricos, Karnal e Tatsch (2009, p. 21) assinalam um aspecto fundamental da noção do que é um documento: “O documento existe em relação ao meio social que o conserva”. Neste caminho, já no final do capítulo, fazem uma importante lembrança: “seria importante ressaltar que, atrás de cada documento conservado, há milhares destruídos.” (KARNAL; TATSCH, 2009, p. 24). Isso torna a função social dos acervos digitais de suma importância para a realização das mais diversas pesquisas históricas. A conservação física de documentos impressos, como é o caso da *Revista do Rádio*, estão sempre sujeitas a intempéries das mais diversas, seja a umidade do local ou até mesmo fatores como risco de incêndio (como recentemente ocorreu em parte do acervo da Cinemateca Nacional)¹. Outra questão muito importante é a disponibilidade desse acervo para a consulta pública. Diversos itens colecionáveis, como revistas, discos, filmes, entre outros, muitas vezes não dispõem de um arquivamento completo e organizado. O pesquisador precisa contar com a sorte de encontrar todos os exemplares do objeto que pretende analisar, o que faz com que a pesquisa, às vezes, seja inviabilizada por dificuldades no acesso a esse tipo de documento. Em outros casos, o pesquisador fica dependente da disponibilidade de acervos particulares ou de empresas que comercializam certos itens considerados raros. A possibilidade de acessar todo um conjunto documental completo, como é o caso do acervo digitalizado da *Revista do Rádio*, amplia em muito as possibilidades de se

¹ *Incêndio destruiu 0,4% do acervo da Cinemateca Brasileira.* Disponível em <http://brasileiros.com.br/2016/02/incendio-destruiu-04-acervo-da-cinemateca-brasileira/>. Acesso em 10 de agosto de 2016.

trabalhar com o periódico em questão, que pode se desdobrar nas mais diversas possibilidades de pesquisa.

PERIÓDICOS COMO FONTE HISTÓRICA

A historiadora Tânia Regina de Luca, referência nos estudos a respeito da utilização dos periódicos como fonte para a história, apresenta alguns pontos interessantes para se pensar a utilização desse tipo de corpus documental no ofício do historiador. O primeiro ponto que a De Luca (2005) ressalta – em seu texto presente no livro *Fontes Históricas*, organizado por Carla Pinsky – é a escassez de trabalhos que se utilizam de jornais e revistas na produção historiográfica brasileira até a década de 1970. De acordo com a autora, os periódicos estavam inseridos numa posição pouco privilegiada em relação a outros documentos por se tratarem de simples “enciclopédias do cotidiano” (DE LUCA, 2005, p.112). Por isso, não teriam grande valia para um trabalho historiográfico que buscasse ter respaldo científico por seus pares. Os acontecimentos retratados nos jornais poderiam até ajudar o historiador como uma espécie de guia para os acontecimentos do passado, levando-o a outros documentos mais “confiáveis”, como decretos-lei, discursos políticos e outras fontes ligadas à administração pública.

Como já mencionado, a relação que os historiadores possuem com os documentos possui uma história própria, no entanto, como já ressaltamos, é facilmente perceptível uma série de mudanças conforme o tempo avança e as discussões se desenvolvem. Com o uso de periódicos, pois, não seria diferente. De um “simples”, amontoado de fatos dos mais corriqueiros foram aos poucos ganhando *status* de documento, na medida em que se percebeu sua grande capacidade de suscitar temas, enfoques e perspectivas privilegiadas sobre determinado assunto. Não se trata de se estabelecer uma nova hierarquia colocando os documentos oficiais (como os já citados decretos-lei) abaixo dos jornais e revistas por não trazerem aspectos mais precisos de determinado movimento sociocultural, mas sim de colocar as fontes para dialogar observando o potencial que cada uma teria para acrescentar no desenvolvimento do problema proposto pelo historiador. A prudência que muitos historiadores tomavam com relação ao uso de periódicos, até a década de 1970, acabava por afastar muitos pesquisadores desse tipo de documento. Nas palavras da historiadora “se pretendia alertar para o uso instrumental e ingênuo que tomava os periódicos como meros

receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas ao bel prazer do pesquisador.” (DE LUCA, 2005, p. 116). O pioneirismo no campo da historiografia brasileira na utilização dos periódicos coube a Gilberto Freyre que recorria aos jornais do século XIX para buscar anúncios e demais textos que embasariam sua extensa pesquisa acerca das relações existentes entre as classes sociais no Brasil Colonial. Nesse contexto, a obra *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, surge mostrando a estreita relação entre os desdobramentos políticos no Brasil com a imprensa desde a chegada da família real em 1808, momento em que foi oficializado o primeiro jornal em terras brasileiras² (DE LUCA, 2005).

Passado esse primeiro momento de desconfiança por muitos historiadores, a utilização da imprensa como documento histórico foi ganhando cada vez mais espaço à medida que foram observadas novas possibilidades de análise dos periódicos. De “enciclopédias do cotidiano”, os jornais e revistas foram, aos poucos, sendo vistos como elementos essenciais para se perceber e problematizar os mais variados temas. A política, como já argumentado, apresenta uma relação muitas vezes tensa com a imprensa desde o seu surgimento. Os primeiros jornais, já em 1808, passavam por uma série de censores antes de serem publicados. Mais adiante, nos processos que envolveram a Independência do Brasil e mais fortemente no processo histórico que levou à Proclamação da República, a imprensa teve um papel central. Apesar de ser, no começo, veículo de propagação das ideias republicanas, logo após sofreram com a censura dos militares recém-empossados. Jornalistas como José do Patrocínio e o poeta Olavo Bilac tiveram, nos jornais da época, a ferramenta de difusão de ideias e acabaram sendo perseguidos. Esses momentos cruciais tiveram na imprensa, por exemplo, um território de forte debate, de uma elite alfabetizada, em torno de pontos fundamentais para o desenvolvimento da política brasileira.

Das questões levantadas acerca do uso de periódicos como fonte histórica por De Luca (2005), destacamos três pontos que podem alicerçar uma pesquisa. O primeiro deles é de se levar em conta que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (DE LUCA, 2005, p. 139). O que chega para o historiador como documento histórico passou por um processo de seleção prévia pelo redator da notícia ou artigo. Lembramos, ainda, que este cuidado em se observar essa pré-seleção, que muitas vezes

² Recomendamos o livro *O Nascimento da Imprensa Brasileira*, de Isabel Lustosa sobre o tema do surgimento dos primeiros jornais brasileiros, como o *Correio Braziliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

foge ao controle do historiador, não é restrito aos periódicos. Um documento oficial, uma propaganda, um fonograma, uma fotografia, um diário pessoal, ou seja, qualquer documento que abarque uma pesquisa passou por uma seleção tanto no que diz respeito ao discurso empregado na elaboração do documento em si, quanto à disponibilidade posterior desta fonte, seja em um acervo público ou em alguma coleção particular. Cabe, então, ao historiador não analisar apenas o conteúdo apresentado para o público em determinado periódico, mas refletir também sobre o que foi escondido. Essa escolha do que é mostrado pode desdobrar reflexões muito mais profundas do que apenas uma análise do que está evidente no documento. Nessa questão, está imbricado um tema caro para o campo da História do Tempo Presente, que tem como uns de seus autores de referência Paul Ricoeur³ e Michel Pollak, juntamente com suas reflexões a respeito da memória, história e do esquecimento. Nesse processo de elaboração do que é preservado pela memória e do que é esquecido, a imprensa tem papel fundamental. A essa escolha, Pollak vai chamar de “enquadramento de memória”:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p. 10).

Outro ponto levantando por De Luca (2005) como fundamental a ser observado pelo historiador que utiliza dos periódicos é o exercício de se historicizar a dinâmica de circulação da fonte a ser analisada. Nesse sentido é que se deve pensar, a questão, por exemplo, das condições técnicas de produção de determinado jornal ou revista. (DE LUCA, 2005). O que parece ser algo trivial pode levar o pesquisador a traçar um panorama mais complexo da circulação do periódico. Revistas ou jornais menores terão um alcance de circulação mais específico que outros pertencentes a grandes corporações. Isso deve constituir um elemento de análise que pode ser verificável quando se observa a questão do financiamento, bem como grupos envolvidos e outros fatores referentes à viabilidade desse periódico. Trata-se de peças que se encaixam e acabam mostrando a que grupo algum jornal pertencia e a quem se destinava.

³ O livro que aborda o tema de maneira muito pertinente para os estudos de Tempo Presente é: RICOEUR, Paul, *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2008.

Tal questão nos leva ao terceiro ponto de reflexão, referente à questão da materialidade dos periódicos. A historiadora nos lembra de que o aspecto material dos jornais e revistas nada tem de natural e envolvem desde questões relacionadas ao contexto de produção do material até diferentes práticas de leitura. (DE LUCA, 2005). O interessante é notar que tais práticas podem vir a se repetir em contextos completamente diferentes. Tomamos como exemplo a leitura dos papiros egípcios que demandavam o manuseio de um rolo de papel para que a leitura pudesse ser exercida. Mais tarde, com o advento dos livros, tal prática foi quase que totalmente substituída pelo folhear das páginas. No entanto, a prática de “rolar folhas” para ler, volta resinificada com o *scroll* dos computadores e (principalmente) das páginas da internet. O que parecia completamente obsoleto (a prática de rolar o texto para a leitura) se reapresenta como solução em novas plataformas agora digitais.

A questão da materialidade para quem irá analisar documentos digitalizados, como no caso do acervo da *Revista do Rádio*, não pode ser completamente descartada pelo fato de que a mesma não será manuseada em seu suporte original. Cabe, portanto, ao pesquisador investigar qual o material utilizado nas capas, se existiam diferenças entre páginas com o predomínio de fotografias (que muitas vezes exigem papéis de gramatura diferenciada) com relação às de predomínio de texto escrito, se a revista era grampeada ou suas páginas encadernadas em brochura e etc. Essas informações levam a pontos fundamentais relacionados ao meio em que a revista circulava bem como os locais e suas práticas de leitura. Cabe ressaltar, todavia, que o historiador não deve se apegar à questão da aura, para utilizar do conceito benjaminiano⁴, quando for analisar um documento como um periódico. Queremos dizer com isso que, apesar de os aspectos envolvendo a materialidade serem de grande importância, a digitalização do acervo não diminui as possibilidades de se analisar o material em questão. Mais importante do que descartar o *corpus* documental por ele não se encontrar em seu material original, seria observar a possibilidade de analisar um acervo completo e disponível de maneira pública como o da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁴ Sobre o conceito de aura verificar o texto: BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REVISTAS COMO FONTES HISTÓRICAS

O que as revistas, em especial a *Revista do Rádio*, podem trazer de questões para uma pesquisa histórica? Os procedimentos levantados por Tânia Regina de Luca nos fornecem ferramentas metodológicas que podem ser utilizadas tanto em revistas como jornais. No entanto, achamos necessária uma reflexão a respeito de questões específicas que as revistas podem trazer para a pesquisa histórica. Todos os pontos levantados, desde a organização discursiva presente em um periódico até sua materialidade, devem ser levados em conta no trabalho com revistas. A princípio, destacaremos pontos que o trabalho com as revistas em específico podem suscitar. A historiadora aponta a *Revista da Semana*, veiculada na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1900, como a pioneira no ramo de revistas de variedades. Nela, já apareceriam características comuns a várias outras publicações existentes até hoje:

[...] apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reservava amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado, que poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médicos, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos, charadas e literatura para crianças (PINSKY apud DE LUCA, 2005, p. 121).

A escolha dos temas tinha caráter comercial tendo em vista o mercado consumidor escasso, fazendo com que na mesma publicação fossem abordados dos mais diversos temas, o que poderia alavancar as vendas. Aqui, observamos, por exemplo, como uma demanda de mercado influencia diretamente no conteúdo presente da publicação. Isso remete à necessidade que o historiador deve ter em contextualizar, ou como já defendido, historicizar a fonte a ser trabalhada em uma pesquisa.

Outro fator muito relevante para a utilização de revistas pelo historiador é como elas se constituem enquanto documentos portadores de significado para um número grande de pessoas ou que atinge certo grau de influência na relação entre alguns grupos. Retomando Karnal e Tatsch (2009, p. 21), “o documento atinge valor pela teia social que o envolve e pelo que revela de mais amplo de uma época e de uma sociedade.” Nesse sentido que Jean-François Sirinelli, outro historiador muito discutido no campo da História do Tempo Presente, ao afirmar a respeito das revistas produzidas por movimentos intelectuais, ressalta que “uma revista é antes de tudo lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”

(SIRINELLI, 2003, p. 249). Nesse mesmo sentido, Monica Pimenta Velloso, em texto intitulado *Percepções do Moderno: as revistas do Rio de Janeiro*, presente no livro *História e Imprensa*, assinala a importância de se analisar as revistas *Estética* (1924-1925) e *Revista do Brasil* (1926), como maneira de “contribuir para a compreensão do nosso sistema cultural” (VELLOSO, 2006, p. 330).

Nesse mesmo texto, a autora destaca outras características específicas que as revistas possuem e que podem ser muito interessantes para o trabalho do historiador. Uma delas é o fato de que as revistas no Brasil sempre tiveram uma grande capacidade de se articular com questões do cotidiano. De maneira rápida e agressiva em suas abordagens, tal tipo de documento se constitui frequentemente como uma “obra em movimento.” (PLUET–DESPATIN apud VELLOSO, 2006, p. 313). Para uma pesquisa que busque, dentre outros objetivos, captar certo espírito de época ou de que maneira certas ideias circulavam, a revista mostra-se como uma possibilidade de documento muito pertinente. Por não se tratar de uma obra acabada, ou resultado de anos de escrita e pesquisa, como um livro, a revista e seu caráter fugaz registra em suas páginas o instantâneo da vida ou de algum movimento intelectual, como o caso das revistas modernistas analisadas por Monica Velloso. É interessante observar que, novamente não se trata de reclassificar a importância de determinado corpus documental em detrimento de outro, mas sim de vislumbrar um diálogo entre fontes colocadas em suas perspectivas tanto no que diz respeito ao tipo de documento quanto ao período em que pertencem. No caso das análises das revistas por Monica Velloso, temos a possibilidade de ver o jovem Sérgio Buarque de Hollanda desenvolvendo suas reflexões a respeito do Brasil. Ao se fazer um estudo comparativo ou até mesmo evolutivo, com o que mais tarde resultaria no clássico *Raízes do Brasil*, temos a oportunidade de tecer uma análise mais sólida da trajetória do historiador (VELLOSO, 2006).

Durante todo o texto, Monica Velloso ressalta as reflexões de Roger Chartier, a respeito da análise das práticas de leitura que podem ser muito pertinentes para o trabalho do historiador. É nesse sentido que a autora afirma que se “compreende a leitura como prática encarnada em gestos, espaços e costumes” (VELLOSO, 2006, p. 315). É papel do historiador extrapolar o que está registrado no texto e vislumbrar possibilidades mais amplas de trabalho, como o exemplo já citado envolvendo um historiador da relevância de Sérgio Buarque de Hollanda. Nesse sentido, o texto das revistas não é analisado somente em seu conteúdo isolado, mas em um contexto de produção intelectual vigente no período pós-semana de arte moderna. Como eixo

condutor de toda sua análise, a autora retoma Chartier, de modo semelhante às ideias propostas por Tania Regina de Luca e abordadas neste artigo, ao passo que “os documentos [...] devem ser estudados em si mesmos, articulando-se seus aspectos materiais e discursivos, suas condições de produção e suas utilizações estratégicas” (CHARTIER apud VELLOSO, 2005, p. 316).

Sobre a *Revista do Rádio*, seu período de circulação nas bancas ocorreu entre 1948 a 1970, sendo que, o começo, sua periodicidade era mensal, mas passou a ser semanal na edição número 25 do ano de 1950. Apesar do grande alcance que a revista possuía, não são encontrados muitos trabalhos a respeito deste periódico. Como destacam as autoras Doris Fagundes Haussen e Camila Stefenon Bacchi, em texto intitulado *A Revista do Rádio através de seus editorais (década de 50)*, a revista só ficava atrás do periódico *O Cruzeiro* na preferência de 300 leitoras entrevistadas no Distrito Federal em 1956 (BACCHI; HAUSSEN, 2001). Muitos trabalhos que tratam da temática do rádio a utilizam como fonte impressa, mas são poucos os que focam na revista propriamente dita⁵.

Somente no ano de 2002, o jornalista e pesquisador Rodrigo Faour, que possui extensa produção a respeito da temática musical brasileira, publicou um livro a respeito da revista intitulado *Revista do Rádio – Cultura, Fuxicos e Moral dos Anos Dourados*. É interessante observar que, em algumas notas e matérias publicadas em jornais, são ressaltadas como características principais do periódico o foco na “vida das celebridades”, fofocas, e demais temas vinculados ao *star system* da época. É válido ressaltar que na chamada “Era de Ouro” da radiodifusão no Brasil, o rádio – juntamente com o cinema e a imprensa escrita –, formavam um tripé que alicerçava os artistas da época, como Oscarito, Carmen Miranda, Alvarenga e Ranchinho, dentre outros. As manchetes das reportagens a respeito do livro evidenciam esse enfoque: “Fuxicos nas ondas sonoras” (SANTOS, 2002, p. 15); e “A revista que vendia futilidade e história” (CARDOSO, 2002, p. 6).

No entanto, a *Revista do Rádio* não se limitava apenas a retratar os bastidores da vida dos famosos. A revista contava com as mais variadas colunas, que iam desde o editorial de Anselmo Domingos às notas sobre o lançamento de discos que teve como um de seus autores o então jornalista Abelardo Barbosa, posteriormente eternizado na

⁵ Destacamos como produção bibliográfica utilizando a *Revista do Rádio* como fonte os livros AGUIAR, Ronaldo Conde. *Almanaque da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007; CALABRE, Lia. *A Era do Rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Hazar, 2004 e GOLDFEDER, Miriam. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1981.

memória da televisão brasileira como Chacrinha. Restringir a *Revista do Rádio* à mera “revista de fofoca”, como dá a entender as reportagens a respeito do livro de Faour, é simplificar demais todas as possibilidades de análise de tal periódico. Além disso, a revista tinha uma função muito importante na veiculação da imagem dos artistas, tendo em vista que, até o surgimento e popularização da televisão, os ouvintes das radionovelas, programas musicais, de auditório e de humor – até que tivessem acesso a uma fotografia do artista que admiravam – limitavam-se a imaginar como eram suas fisionomias.

HISTÓRIA DIGITAL E SUAS POSSIBILIDADES

Uma das perguntas levantadas na organização deste Dossiê e que buscamos refletir neste artigo é: “Como as fontes, arquivos e plataformas digitais têm instrumentalizado historiadores para uma nova forma de construção do conhecimento histórico?”. O campo da História Digital nos fornece algumas possibilidades de reflexão e instrumentalização para o historiador que busque utilizar fontes desta natureza. Procuramos levantar alguns pontos que podem ser relevantes quando se trabalha, por exemplo, com as revistas e documentos digitalizados pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e em específico a *Revista do Rádio*.

A historiadora Nucia Alexandra Silva de Oliveira, em artigo intitulado *História e internet: conexões possíveis*, fornece algumas pistas que podem abarcar muitos usos da internet e do documento digital pelo historiador. Oliveira (2014) retoma um breve histórico da rede que teria sido criada em meados dos anos de 1970 pelos Estados Unidos e que se popularizou nos anos de 1990 principalmente com o surgimento dos computadores pessoais (PCs – *personal computers*) e com o estabelecimento do modelo da *World wide web* (traduzida livremente pelos meios de comunicação como “rede mundial de computadores”). A partir do ano de 2004, com o surgimento da *Web 2.0*, que permite ao usuário da internet interagir com o conteúdo das redes, como é o caso das redes sociais *Facebook*, *Twitter*, *Orkut*, *MySpace*, o grau de interação atinge um novo patamar e se estabelece de modo cada vez mais intenso uma cibercultura (OLIVEIRA apud CASTELLS, 2004; BRIGGS e BURKE, 2004). Essa nova forma de manifestação cultural, segundo o filósofo Pierre Lévy, coloca-se como “um coletivo de práticas, manifestações e atividades que se desenvolvem à medida que o ciberespaço cresce e se desenvolve de modo conjunto”. (LEVY, 1999. p. 17).

No entanto, é válido ressaltar que o uso de computadores pelos historiadores é anterior ao surgimento da internet, como explica Célia Cristina da Silva Tavares, no capítulo *História e Informática*, presente no livro *Novos Domínios da História*:

Desde a década de 1960, os historiadores que trabalhavam com longas séries de informações geradas por fontes demográficas e econômicas começaram a usar computadores, sobretudo porque a capacidade de armazenamento e a possibilidade de trabalhar com programas com modelos matemáticos e estatísticos proporcionavam segurança nas análises dos registros em seu conjunto. Muitos dos trabalhos ancorados na história quantitativa se desenvolveram com a ajuda de grandes computadores existentes em universidades da França e dos Estados Unidos. (TAVARES, 2012, p. 307).

Sobre os conceitos utilizados para definir o campo da história que trabalha com fontes, documentos e aportes digitais, Anita Lucchesi, em texto intitulado *História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública*, diferencia três termos que tem o seu desenvolvimento em lugares e épocas diferentes. O primeiro termo *Digital Humanities*, teria surgido em 2001, na Inglaterra, em um debate para a elaboração do título de um livro organizado por Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, publicado em 2004 (LUCCHESI, 2013). Outro termo utilizado para as questões de mesma natureza em pesquisas na Itália recebeu o nome de *Storiografia Digitale* (historiografia digital) e, nos Estados Unidos, *Digital History* (história digital, este mais utilizado com frequência por pesquisadores brasileiros). (LUCCHESI, 2013). No Brasil, um dos principais locais de reflexão a respeito do uso das ferramentas digitais, tanto no que diz respeito à produção historiográfica como sua divulgação, é a Rede Brasileira de História Pública, que “foi criada em torno do interesse comum de pesquisadores, profissionais, professores e estudantes interessados em refletir sobre a história pública [...]”⁶.

O acesso à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional se dá pela internet, o que facilita, em muito, a sua possibilidade de pesquisa em seu acervo. Antes do processo de digitalização da Revista do Rádio, por exemplo, o pesquisador teria que se deslocar para o Rio de Janeiro para realizar sua pesquisa. Em um país de proporções continentais, porém, tal deslocamento é muito difícil de ser realizado com frequência, o que pode acabar minando muitas pesquisas e trabalhos acadêmicos resultantes do acesso ao acervo mesmo antes de começarem. Um acervo digital disponibilizado por uma

⁶ Mais informações a respeito da Rede Brasileira de História Pública podem ser encontradas em seu sítio na internet: <http://historiapublica.com.br> – Acesso em 15 de ago. de 2016.

instituição pública como é o caso da Hemeroteca Digital viabiliza a pesquisa para qualquer historiador interessado que possua acesso à internet no Brasil e no mundo. Esse processo de desterritorialização é um novo paradigma que se coloca na produção historiográfica e que muda a perspectiva do arquivo que não se encontra mais apenas em seu formato físico ou ainda em um lugar fixo. Lucchesi (2013), retomando Pierre Lévy e Habermas, ressalta isso quando assinala que vivemos em “uma sociedade que [...] acaba por confundir os espaços públicos e privados, cujas fronteiras se tornam cada vez mais diáfanas, apesar da distinção histórica entre ambas as esferas [...]” (LUCCHESI, 2013, p. 03).

O ACESSO À HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL

Para pesquisar na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, o usuário deve acessar a página <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Lá é possível de realizar a pesquisa do documento utilizando o mecanismo de busca por palavras (por meio do mecanismo de busca rápida), por periódico, por período ou por local de publicação. Na página inicial da Hemeroteca, ainda são expostos temas em destaque e a possibilidade de navegar em outras páginas do portal pertencente à BN Digital, que podem ser facilmente acessadas pelas abas “Artigos”, “Dossiês”, “Exposições”, “Hemeroteca Digital” e “Sobre a BN Digital”. A mesma página ainda conta com *links* para páginas contendo “Orientações de Uso de Arquivos Digitais”; “Perguntas e Respostas” e uma página “Fale Conosco” de contato com a Biblioteca Nacional.

Dessas três últimas páginas, destacamos a que contém as “Orientações de Uso de Arquivos Digitais”. Nela, estão contidas orientações básicas, porém fundamentais, no que diz respeito a questões voltadas para leis de direito autoral. Destacamos as orientações feitas com relação ao uso específico da Hemeroteca Digital:

- A reutilização não comercial ou comercial de obras em domínio público ou protegidas pela lei do direito autoral provenientes da Hemeroteca Digital Brasileira são objeto de prévia autorização de uso.- Estes documentos não podem ser reutilizados sem o prévio consentimento da instituição ou empresa detentora dos direitos autorais. Dessa forma o uso do material disponibilizado no site da Hemeroteca Digital Brasileira depende da autorização expressa dos detentores dos direitos, ou na forma da Lei de Direito Autoral (Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998).

- O utilizador deverá informar-se junto à instituição ou empresa detentora dos direitos autorais sobre as condições de reutilização dos documentos.
- A fonte de referência deve ser informada mencionando a BNDigital e a instituição ou empresa detentora do documento original (Disponível em <http://bndigital.bn.br/orientacoes-de-uso-de-arquivos-digitais/> - Acesso em 10 de agosto de 2016)

A Biblioteca Nacional, ao disponibilizar os documentos para pesquisa no modelo de livre acesso, posiciona-se de maneira muito importante na questão voltada ao acesso a arquivos, periódicos e demais documentos.

Destacamos, ainda, que a interface de utilização é muito amigável e intuitiva para aqueles que não estão acostumados a utilizar de plataformas digitais para a realização de pesquisas. Esse *layout* acessível pode ser conferido de acordo com a imagem seguinte:

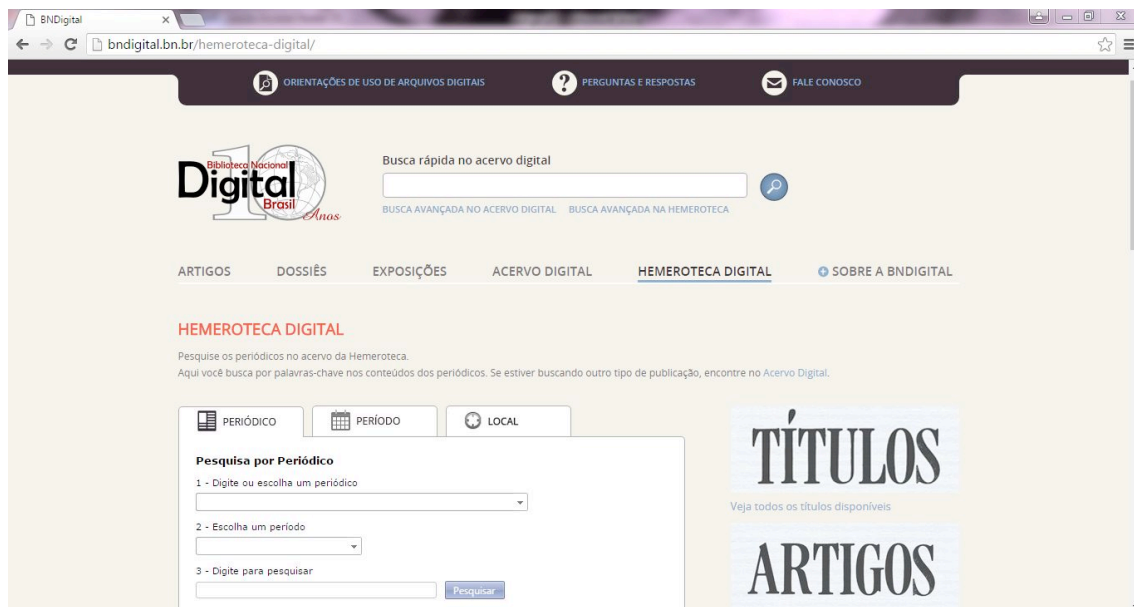


Figura 01 – Página inicial – Hemeroteca Digital

É possível realizar a pesquisa no acervo da *Revista do Rádio* por dois caminhos, ao selecionar a revista na lista de periódicos no campo “Periódico” (mostrado na figura 1) e, em seguida, escolher o período e algum termo para pesquisa. Caso o pesquisador queira navegar em todos os períodos, sem buscar nenhuma palavra em específico, basta escolher, ou digitar, o periódico “Revista do Rádio” no primeiro campo – “Digite ou escolha um periódico” –, a fim de que uma nova página em *pop-up* seja aberta para a realização da pesquisa em todos os exemplares digitalizados disponíveis. Outro caminho possível para ter acesso ao conteúdo da *Revista do Rádio* é digitar o nome do

periódico no campo de pesquisa “Busca rápida no acervo digital”. Ao digitar o periódico desejado, um *link* para o acesso à revista será disponibilizado e, ao ser clicado, abre uma página com um *layout* diferente do mostrado ao selecionar da lista de periódicos. Esse segundo caminho mostra uma página que divide as edições em décadas, anos e números de edição. Nesta página, ao clicar sobre a edição desejada, é aberto um arquivo no formato de extensão *.pdf*, que pode ser salvo no computador. Essa maneira de acessar a revista é prática, mas não explora todos os recursos possíveis de busca por palavra, como no primeiro caminho.

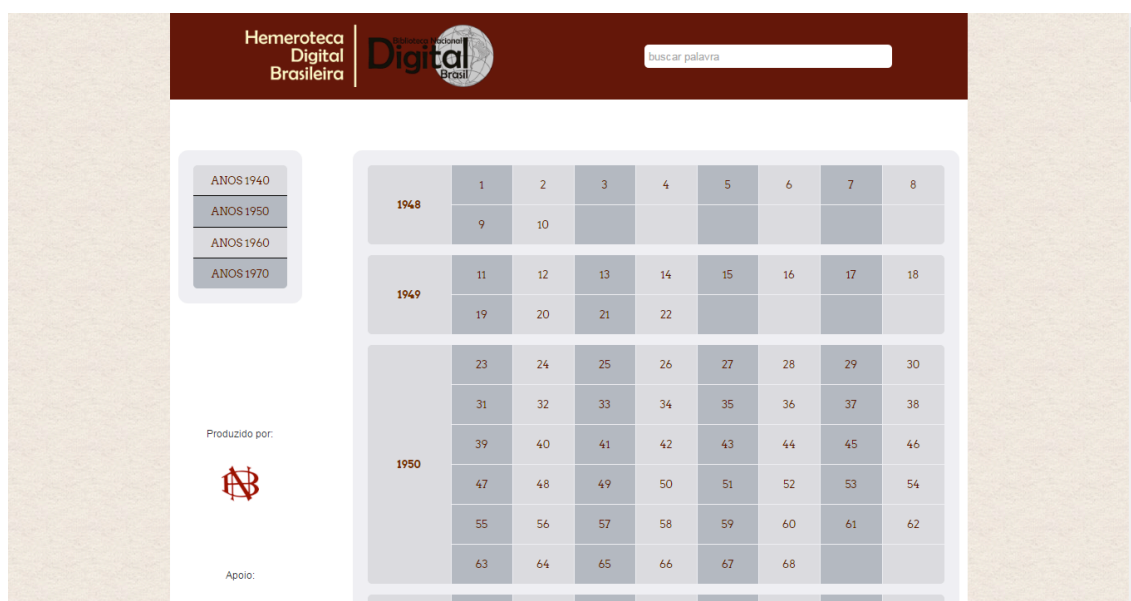


Figura 02 – resultado da “Busca rápida no acervo digital”

Já a outra maneira de acessar a revista, por meio da lista de periódicos ao abrir a página em *pop-up*⁷, permite a busca por determinada palavra que pode potencializar e agilizar a pesquisa sobre o assunto requerido. A janela aberta tem a interface abaixo:

⁷ Termo que se refere a uma nova janela ou aba de navegação aberta com algum navegador ou *browser*.



Figura 03 – Busca no acervo da *Revista do Rádio* resultante da busca por periódico

Ao digitar a palavra a ser buscada no acervo digital, a interface irá destacar a palavra no texto em que ela está inserida e destacar os anos, edições e número de vezes em que a palavra aparece. Desse modo, é possível – já de início – tirar algumas conclusões sobre a relevância de determinada busca, seja acerca de um artista, movimento musical, produto, programa de rádio, cidade ou qualquer outra palavra que seja importante de ser pesquisada e que tenha relevância para a pesquisa histórica pretendida.⁸

Como exemplo de busca, imagine-se que um historiador esteja desenvolvendo uma pesquisa a respeito de programas de auditório e, para tanto, além das fontes sonoras que dispõe e recortes de jornal, o pesquisador pretende utilizar a *Revista do Rádio*. No campo de pesquisa, então, digita a palavra “auditório” e tem o resultado apresentado da seguinte maneira:

⁸ Em aula proferida para a turma de Doutorado em História 2016 do Programa de Pós-Graduação em História na UDESC, no dia 30 de setembro de 2016, a pesquisadora Tânia Regina de Luca nos alertou que o mecanismo de busca por palavra tem em torno de 85% de precisão, escapando então alguns vocábulos da pesquisa.

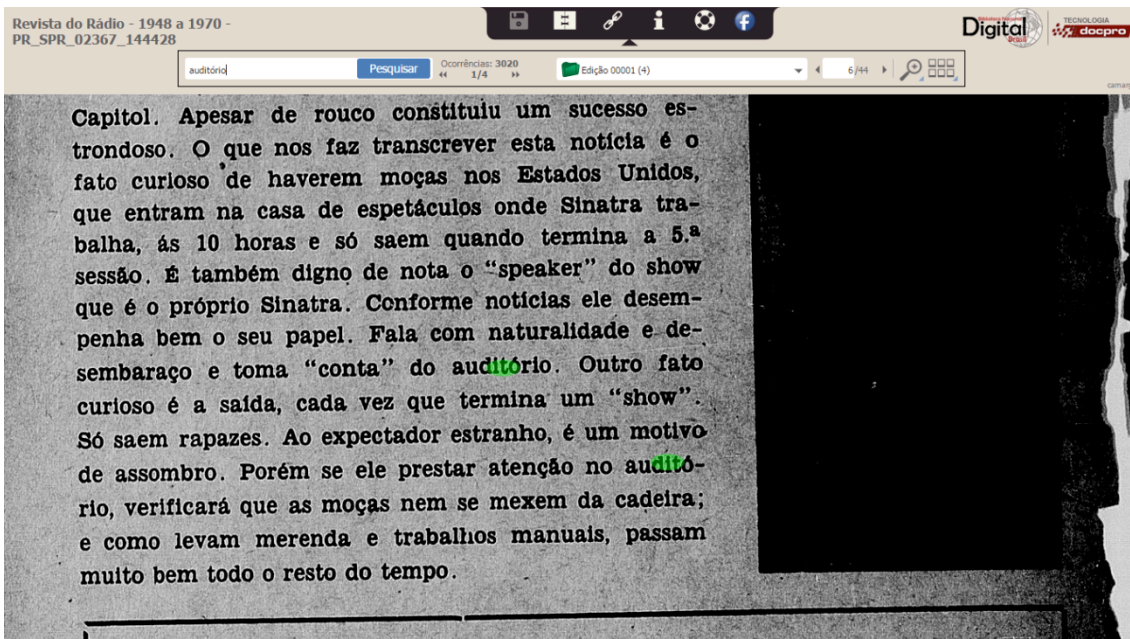


Figura 04 – Resultado da busca pela palavra “auditório”

Como já mencionado, a palavra pesquisada irá aparecer destacada no texto (no caso em verde) e, no local de pesquisa ao lado da parte do campo de busca por palavras, aparece o número de vezes em que esse vocábulo – no caso “auditório” – aparece na edição mostrada. Tal número fica entre parênteses ao lado do número da edição. Na figura 04, por exemplo, é possível verificar que o termo em questão aparece quatro vezes na edição número 01 do ano de 1948. Ao clicar neste campo de busca por anos e edições, verifica-se que cada ano está organizado em pastas com as edições inseridas. Os anos que tiverem a palavra procurada serão destacados (a imagem da pasta) em azul e as edições em verde. Caso não haja incidência da palavra naquele ano ou edição, as mesmas se manterão na cor amarela. Na imagem que segue, é possível observar que, já na segunda edição da Revista do Rádio, não há nenhuma incidência da palavra “auditório”. Por esse motivo, a edição em questão não está destacada na cor azul como as demais.

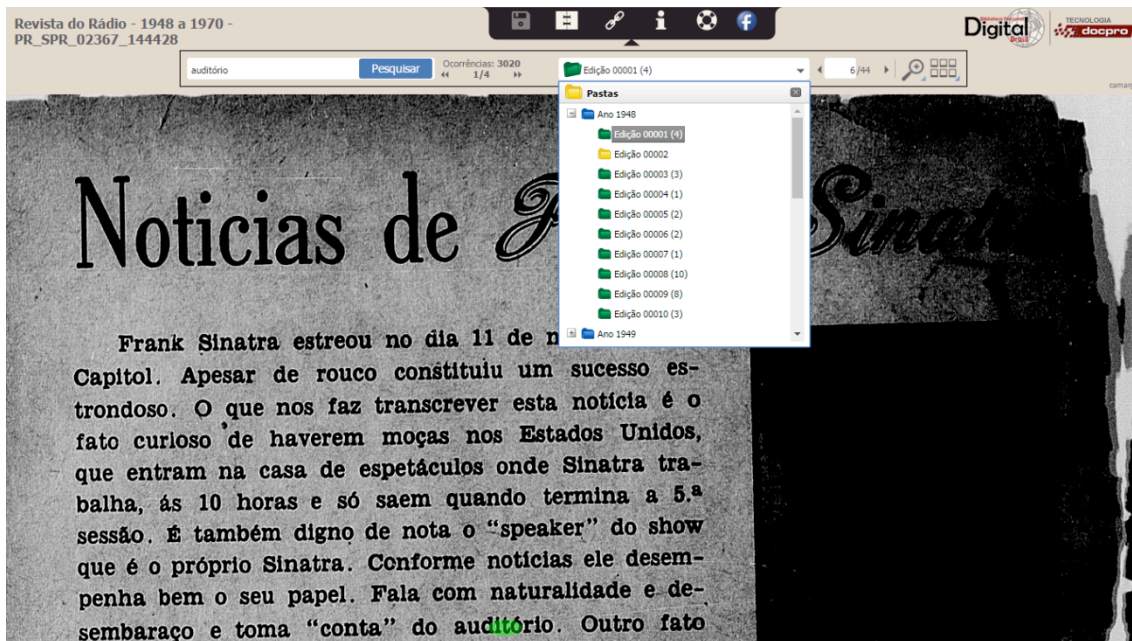


Figura 05 – Resultado da busca pela palavra “auditório”

O exemplo mostrado na figura 05 deixa claro uma das questões fundamentais que tornam este tipo de acervo tão relevante para a pesquisa histórica: a questão da acessibilidade. Em relação a esse ponto, Lucchesi (2013), utilizando das reflexões a respeito deste tema, feitas por Rosenzweig e Daniel Cohen, em seu *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*, pontua que

A acessibilidade, para Cohen e Rosenzweig, seria promissora próprio pelo que podemos pensar do sentido mais amplo da palavra. Pelo fato de tornar acessível a uma enorme audiência, em certa medida, jamais experimentada (nestes marcos da nova esfera pública da Web) uma grande quantidade de informações e fontes. A abertura de bibliotecas, arquivos e museus ao grande público online, não só duplica ao primeiro instante a quantidade de fontes através das cópias digitais, mas também modifica a experiência de quem consome tal informação. Se isto pode ser significativo para adolescentes que acessem documentos da *Library of Congress* na Internet, o que pode significar para historiadores? (LUCCHESI, 2013, p.11-12).

Nesse mesmo sentido, Oliveira ressalta os benefícios da possibilidade de troca de informações que os meios digitais proporcionam entre pesquisadores – em especial ao formato das revistas digitais, as quais facilitam a circulação de ideias que se deslocam de modo muito mais ágil ao vencer as barreiras geográficas facilmente superadas pelos meios digitais. (OLIVEIRA, 2014). De artigos científicos a revistas de variedades, como a *Revista do Rádio*, a possibilidade de acesso que o meio digital fornece abre possibilidades sem precedentes para o desenvolvimento da historiografia

sobre qualquer assunto desejado. Essa conexão de saberes articula, de maneira significativa, instituições e pesquisadores que, muito provavelmente, sem o advento desses novos meios digitais, teriam as suas possibilidades de comunicação muito limitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste artigo, responder a um dos *topos* propostos pelos editores deste dossiê: “Como as fontes, arquivos e plataformas digitais têm instrumentalizado historiadores para uma nova forma de construção do conhecimento histórico?” Para responder a esta, questão fez-se necessário uma breve introdução a respeito da relação entre os historiadores e seus documentos; a pertinência dos periódicos para a pesquisa histórica; como as revistas podem contribuir para a construção do conhecimento histórico; e, por fim, alguns apontamentos sobre a História Digital e uma breve demonstração da experiência de se acessar a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Cada uma dessas etapas teve questões voltadas ao campo da História do Tempo Presente permeadas em seu desenvolvimento.

O primeiro ponto que se destaca com relação aos arquivos digitais é a sua função social de preservação de documentos históricos no formato digital. Outro fator importante é a sua disponibilidade de acesso de modo público para qualquer pesquisador (ou público em geral) que queira acessar determinado arquivo – embora tenha sido mostrado apenas um dos vários periódicos disponíveis no *site* da Hemeroteca Digital.

Apesar do grande avanço que os meios digitais garantem para o ofício do historiador, cabe a observação de um grande especialista no tema, Robert Darnton, o historiador que também dirige a centenária Biblioteca de Harvard, “Bits se degradam com o passar do tempo. Documentos podem se perder no ciberespaço por conta da obsolescência da mídia em que estão registrados” (DARNTON, 2010, p. 56).

Por fim, como afirma Tavares (2012, p. 309): “seja, o computador, o banco de dados ou qualquer outro instrumento informático que o pesquisador utilize, nunca vai substituir a atuação do profissional de história, a escolha de critérios e referências que cabe somente a ele estabelecer”. Não podemos nunca esquecer que o *hardware* mais importante de qualquer pesquisa histórica ainda é o historiador.

REFERÊNCIAS

- BACCHI, C. S.; HAUSSEN, D. F. A Revista do Rádio Através de seus editorais (década de 50). *XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação*. Campo Grande/MS. Setembro, 2001.
- CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CHAUVEAU, A.; TETART, P.; BECKER, J. J. *Questões para a história do presente*. Baurú: EDUSC, 1999
- DARNTON, R. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. ANPUH-BRASIL, Natal/RN, julho de 2013.
- NEVES, L. M. B. P.; MOREL, M.; FERREIRA, T. M. B. C. *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- OLIVEIRA, N. A. S. História e internet: conexões possíveis. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.12, p. 23-53, mai./ago. 2014.
- PINSKY, C. B.; BACELLAR, A. A. P, *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- PINSKY, C. B; DE LUCA, T. R. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KARNAL, L.; TATSCH, F. G. Memória Evanescente. In: PINSKY, C. B.; BACELLAR, A. A. P, *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- RÉMOND, R. *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003.
- TAVARES, C. C. História e Informática. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- VELLOSO, M. P. Percepções do Moderno: as revistas do Rio de Janeiro. In: NEVES, L. M. B. P.; MOREL, M.; FERREIRA, T. M. B. C. *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Recebido em 20/08/2016
Aceito em 23/11/2016